

UTOPIA E ESPERANÇA CRISTÃ

J. B. Libanio S.J.

A América Latina, apresentada como Continente da Esperança, vive momentos de decepção, de ceticismo, de múltiplos escapismos mágicos, espiritualistas e autoritários. Se a década de 60 foi animada por radiosas esperanças, as seguintes foram marcadas pelos fracassos e frustrações de nosso povo.

Nesses momentos, falar de esperança e utopia, faz-se, ao mesmo tempo, necessário e arriscado. Necessário para levantar os ânimos. Arriscado de aumentar a dose de sedativo alienante no corpo sofrido do povo.

Com a ocular fixada nesse contexto concreto, a nossa reflexão situa-se, porém, em nível especulativo, buscando captar, a partir das estruturas internas das realidades Esperança e Utopia, suas mútuas referências num duplo movimento de aproximação e distanciamento.

I. PROXIMIDADES ENTRE UTOPIA E ESPERANÇA

Há muitos pontos em que a utopia e a esperança se encontram a ponto de serem, em discurso não rigoroso, intercambiadas. Fala-se de esperança cristã, utopia cristã, ao referir-se a uma mesma realidade. Assim não raro o discurso teológico se refere à ressurreição de Jesus como a realização de todas as utopias e esperanças.

1. Estrutura fundamental semelhante

Há uma estrutura fundamental semelhante tanto na utopia como na esperança. De fato, ambas se caracterizam pela distância entre o real presente e a proposta futura. O real presente é submetido à crítica em confronto com o futuro desejado, esperado. As expectativas de uma situação melhor no futuro, ainda sem lugar, exercem função crítica ao presente existente.

Portanto tanto a utopia como a esperança jogam com a mesma tensão básica entre a insatisfação do existente e a expectativa de um futuro melhor. Ambas se alimentam desse hiato, de maneira que elas perdem força à medida que tal distância se encurta até desaparecerem no momento em que o futuro melhor for já presente.

Essa comparação se faz ainda numa compreensão de esperança no sentido mais comum do termo, no pressuposto de que o futuro para o qual se orienta a esperança seja um dia totalmente alcançado. Mas vamos ver que de fato a esperança nunca termina, porque seu verdadeiro objeto nunca será possuído. Neste momento da reflexão, vale a consideração de que na sua estrutura tanto a utopia como a esperança apontam para uma defasagem entre o real existente e o futuro desejado.

Para as grandes maiorias de nosso Continente, o presente se caracteriza por vida cada vez mais difícil por causa da fome, do desemprego, do analfabetismo, da morte "antes de tempo", da deterioração das condições de habitação, de trabalho, de segurança social. Campeia a violência na relação de trabalho, pelas ruas, no interior das famílias, no comportamento sexual, no crescente número de assaltos, assassinatos, sobretudo de líderes no campo na terrível luta pela terra.

De dentro de tal situação, nos momentos de respiro e de pausa para refletir, o povo manifesta seu desejo de mudança, de transformação, forjando utopias, deixando-se embalar pela esperança.

2. Solo de nascimento

Há enorme proximidade entre a utopia e a esperança quanto ao solo de seu nascimento. J. Servier defende que as utopias nasceram da tradição judaico-cristã da esperança. Há uma vinculação histórica profunda entre ambas. O mundo, marcado pela tradição semita e cristã, produzirá muito mais utopias que outros universos, sobretudo utopias de carácter histórico-transformador da realidade. Não se trata de mera coincidência. Este nexó histórico encontra fundamento no húmus natural de ambas.

As esperanças de Israel surgiram do sofrimento do povo. O modelo clássico é a experiência de opressão no Egito. Do abismo de sofrimento em que o povo estava nasce a luz da esperança, ao clamar para Javé em busca de libertação. Assim os momentos altos da esperança de Israel se dão naqueles em que pesa sobre o povo o jugo violento da dominação, do exílio, do abandono, do sofrimento.

Quando se lêem trechos bíblicos referentes à opressão do povo de Israel em nossos encontros populares, as pessoas se identificam facilmente com tal situação. Por isso também sintonizam com as utopias e esperanças bíblicas. A simetria de situação permite uma leitura quase fundamentalista da Escritura por grupos populares no referente à opressão e libertação.

As utopias humanas despontam também num mesmo contexto de sofrimento. Povo satisfeito pensa só no presente e sufoca todo gérmen utópico. Quando ele, pelo contrário, vive situação de pena e sofrimento,

mento, brotam em seu meio profetas de futuro melhor, utopistas de novas realidades.

3. Motor da história

A utopia é a face secular da esperança e a esperança é a face teológica da utopia. Com efeito, no espaço secular da história, a utopia move as pessoas a agir na linha da transformação. Em regiões de corte cristão, a esperança exerce a mesma função. E, às vezes, ambas se articulam de tal modo que apenas se consegue distinguir a esperança da utopia e vice-versa.

Para quem o horizonte da existência não transcende a história humana, a utopia exerce a função de impulsionadora do processo histórico. Para os que crêem, como acontece freqüentemente nas CEBs, é a esperança cristã que anima o povo na sua luta histórica. E tal esperança se faz sentir ainda mais quando se encontra diante de situação de morte.

Relatos da revolução nicaragüense e da luta para a conservação da atual hegemonia sandinista em oposição aos "contra" salientam a importância que a esperança cristã teve e tem para manter acesa a chama da coragem, do entusiasmo, da tenacidade, da perseverança. Pois se trata de um povo predominantemente cristão. E o termo ressurreição aparece como nota importante e decisiva. Para os não-cristãos, é a utopia da libertação do povo que os sustenta nessa mesma luta. Assim se vê como ambas exercem a função de motor da história.

4. Fundamento antropológico idêntico

A utopia e a esperança explicam-se, em última análise, por causa da estrutura do próprio ser humano, como um ser aberto à Transcendência. E na origem dessa pergunta, está a experiência primeira que o ser humano faz de viver uma existência recebida, que ele mesmo não se deu. Assim pergunta-se de onde veio e para onde vai, já que se percebe como projeto inacabado, orientado a um futuro desconhecido.

O homem vive essa experiência de existir no interior de uma tensão fundamental entre sua finitude, seus limites e o ilimitado de seus desejos e esperanças. A cada conquista que faz, fica-lhe o desejo de uma nova. E nessa farândola de buscas, de etapas superadas, crava-se a pergunta radical do sentido de toda essa vida, enquanto vivida e enquanto projeto.

No fundo ele busca um sentido último para sua existência. Sabe que não pode dar sentido à realidade, se ela mesma não suportar esse sentido. Não se pode dar algo ao nada. O sentido só pode ser atribuído pelo homem, se ele mesmo já vive num horizonte de sentido, se sua

vida, sua história já tem sentido em sua realidade mesma.

Viver num horizonte de sentido implica reconhecer que o presente se lhe abre como algo dado, gratuito e que ele deve acolhê-lo. Mas, por outro lado, no dinamismo desse valor ele pode projetar um novo que vá na linha da sua plenificação. O ser humano vive continuamente reconhecendo valores já dados e aspirando a outros, já que o real é sempre menor que sua capacidade de perceber e viver os valores e por isso os projeta crescido para um futuro. Essa projeção, enquanto criação sua, é utopia e, enquanto supera suas forças na realização, é esperança. Pois cada vez que esse projeto se realiza, abre-se nova janela para o futuro.

E o homem é capaz de perceber que esse dinamismo de sempre criar utopias é maior que as próprias utopias, por isso fundamenta a esperança. Nesse sentido, a mesma raiz antropológica faz o ser humano, ao mesmo tempo, criar utopias e abrir-se para esperanças para além das utopias.

No fundo, esse ser livre, consciente de sua condição de dado e jogado no mundo, mas capaz de sobrepor-se às situações por decisões criativas, não pode contentar-se com o presente. Nisso antecipa futuros desejados e espera realizações. Não pode nunca esquecer-se da defasagem entre sua capacidade de desejar e suas possibilidades de realizar estes desejos. A capacidade de desejar gera utopias. A impossibilidade de realizá-las plenamente deixa-o no limiar da esperança ou do desespero.

Esse fundamento antropológico de caráter transcendental assume em contexto latino-americano outra expressão. De fato, a tensão fundamental que está na base de toda utopia e esperança em nosso Continente é entre vida e morte. O povo pobre vive no limiar entre vida e morte. As suas utopias e esperanças dizem, portanto, respeito a viver de modo digno, humano em contraste com uma existência assediada pela morte por todos os lados. A fome, a miséria, o desemprego, as doenças, a violência, as condições indignas de trabalho, verdadeiras expressões de morte, são o presente, o real, o existente. Qualquer expressão de utopia e esperança parte de tal situação e se encaminha em direção a uma vida digna, humana em todos os campos.

5. Discurso antes performativo que descritivo e analítico

A utopia e a esperança exprimem-se sobretudo através de um discurso antes performativo que descritivo ou analítico. Isso significa que ambos os discursos não pretendem dar-nos uma descrição ou análise de realidades existentes nem futuras, mas visam a mover-nos à ação. Assim como o discurso da utopia não vale pelos pormenores de suas descri-

ções, mas pela sua força mobilizadora, assim também a linguagem da esperança não nos quer antecipar, num flash, o reino definitivo. No discurso utópico latino-americano, o momento analítico da realidade cumpre a função de mobilizar o povo para a ação de construção de sociedade alternativa.

O mesmo vale da linguagem apocalíptica ou escatológica, usada freqüentemente pela esperança. Durante muito tempo ela foi mal interpretada, como descrições antecipadas da realidade futura. Uma análise mais acurada permite perceber que traduz muito mais um incentivo à coragem, à resistência, à perseverança em situações de conflitos ou provações. Sua intencionalidade principal é a ação e não o conhecimento de realidades.

II. DISTÂNCIAS

Apesar das proximidades, esses dois discursos marcam entre si clara distinção. O estabelecimento dessa diferença permite penetrar melhor a originalidade de cada um deles.

1. Relação com a Transcendência

A diferença mais marcante entre os dois discursos vem de sua relação com a Transcendência. A utopia busca encontrar sua motivação última nos valores humanos, no horizonte histórico das conquistas e derrotas dos homens. O utopista deixa-se mover pela sua sensibilidade humana, pela sua consciência ética. Responde à experiência de Terêncio: Nada de humano me é alheio. Essa dimensão humana radical, através da qual comungamos com nossos semelhantes, independentemente de religião, ideologia, interesses, fundamenta, em última análise, a motivação ética do utopista.

A medida que nossa sociedade latino-americana se seculariza, esse tipo de motivação exclusivamente ética tende a crescer, com total distância da Transcendência. Predomina naturalmente entre os militantes oriundos de camada social culturalmente ilustrada. Por isso, esta reflexão sobre as relações entre esperança e utopia se faz cada vez mais importante para o processo histórico que vivemos.

A esperança cristã pode deixar-se motivar também por valores humanos, conhecidos e vividos no horizonte exclusivo da experiência humana. Mas ela reconhece que tal motivação é intermédia, mas nunca a última e definitiva. Só adquire, em último termo, seu valor de outra motivação: A Transcendência. Move o cristão na sua esperança a certeza da fidelidade, do amor, da promessa de Deus. Podem falhar as motivações humanas imediatas mas ela resiste a tudo firmada na absoluta credibili-

dade de Deus. Na A. Latina, predominantemente cristã, as motivações religiosas ocupam espaço relevante.

Tal reflexão se amplia também à origem e à estrutura mesma da realidade da utopia e da esperança. Assim o fundamento da utopia é a dupla experiência humana de sofrimento e de possibilidade criativa do homem. Só sofrimento provocaria acomodação, resignação. Só criatividade, poderia prolongar o presente numa simples linha de aperfeiçoamento. Mas quando essas duas experiências se somam, nasce a utopia. A esperança, por sua vez, tem sua origem na Revelação, na promessa que Deus fez na história ao povo de Israel e através da pessoa de seu Filho Jesus.

Por isso, a relação que a utopia e a esperança estabelecem com a realidade é diferente. A utopia tem a história como última referência. Não pensa nada para-além dela. Seu projeto é para ser realizado nos limites do tempo. Quer construir unicamente com o material das ações humanas históricas a cidade futura. Por sua vez, a esperança sabe que "não temos aqui uma cidade duradoura, mas andamos em busca da futura" (Hb 13,14).

A utopia anima o humanismo político enquanto a esperança alimenta o humanismo messiânico. De fato, o humanismo político pretende construir na terra, na história, exclusivamente através da ação política, uma humanidade perfeita, um verdadeiro humanismo. O humanismo messiânico sabe que as verdadeiras construções humanas são mediações da ação de Deus e que se plenificarão para além da história.

2. Relação com a política

A relação, que a utopia e a esperança estabelecem com a política, também varia. A utopia articula-se com a política de modo imediato. Ela se apresenta ou sob forma de projeto político ou se deixa mediatizar por ele. Nesse sentido, ela atua diretamente sobre o agir político, movendo as pessoas ou grupos à ação. Interfere como motivadora, como iluminadora de ações políticas.

No meio popular, pequenas utopias mostram essa relação com o agir político. No campo, o desejo de possuir a terra para moradia e trabalho tem movido os sem-terra a uma luta tenaz, constante em meio a derrota e vitórias. Anos atrás, Alagamar na Paraíba era um símbolo de tal articulação. Mais recentemente, Ronda Alta no Rio Grande do Sul ocupou o centro de atenção pública. Em todos esses casos, brilha a antiqüíssima utopia da terra, como motor das práticas políticas de luta.

A esperança não goza do mesmo grau de proximidade com a ação política. Ela visa diretamente à realização das promessas escatológicas de Deus, que é fiel. Dele vem a força, a realidade mesma desejada. So-

mente indiretamente torna-se, mediatizada por utopias humanas, motora de projetos políticos, de ações históricas. Assim muitos cristãos, movidos pela esperança cristã, podem aderir a uma causa política, a um movimento revolucionário, a um projeto político. Nesse caso, faz-se mister articular a esperança com tal projeto ou movimento, já que isso não acontece de modo imediato e transparente. Necessita-se mostrar que tal projeto ou movimento comunga com os mesmos valores que as promessas de Deus revelam, de modo que ele se torna um acontecer antecipado, incoativo e limitado de tais promessas.

A presença da Igreja, através de seus agentes de pastoral, em muitas lutas do povo, cumpre precisamente tal função. Buscam eles mostrar como a fé cristã deixa-se perfeitamente concretizar-se nos projetos utópicos do povo.

No aspecto político, a utopia e a esperança correm risco diferente de alienação. Como a utopia tem uma relação imediata e direta com a ação, ela tem mais consistência histórica e pode mais facilmente ser criticada pelos acontecimentos. Com isso, o perigo de alienação é menor e mais facilmente corrigível. A esperança aponta para realidade não verificável. Além disso, sua articulação com a utopia também não é transparente. Supõe complicada hermenêutica de sentido. Pois tem-se de perceber quer o sentido da promessa de Deus, quer o sentido de um projeto político para então captar a coincidência ou, ao mesmo, a coerência entre ambos. Nesse sentido, ela corre maior risco de alienação e impostura.

Tal aspecto explica a razão de muitos problemas de militantes não-crentes com agentes de pastoral na ação política. Os primeiros concentram sua atenção na definição clara e concreta de utopias a serem viabilizadas por determinadas práticas concretas, enquanto os outros facilmente perdem-se em discursos mais vagos e de difícil verificação.

3. Papel da fantasia

É interessante analisar a relação da utopia e da esperança com a fantasia. A utopia passeia no mundo do simbolismo, alimenta-se da fantasia. Seus vãos se fazem nas asas da imaginação. Por isso, o papel da fantasia na utopia é fundamental.

Numa linguagem vulgarizada e popular da esperança, a fantasia exerceu também papel preponderante. Assim descrevia-se com cores vivas o cenário do futuro reservado aos justos, pintavam-se fantasiosamente as promessas de Deus. A Escritura está repleta de discursos de esperança forjados em linguagem imaginativa. Isaías sonha com a terra onde o lobo mora com o cordeiro, a pantera dorme com o cabrito, novilho e leãozinho pastam juntos sob a guarda de uma criança. A vaca e a urso têm amizade, seus filhotes repousam juntos. O leão come palha co-

mo o boi e a criança pode colocar sem perigo a mão na toca da cobra venenosa (Is 11,6-8). Em outro momento, o mesmo profeta antevê uma sociedade pacifista, onde se forjarão relhas de espadas, foices de lanças e não haverá mais guerra nem serviço militar (Is 2,4).

A reflexão teológico-sistemática tem motivado seu discurso da esperança. Sem abandonar de todo certa dimensão imaginativa, intrínseca ao pensar humano, a respeito sobretudo de realidades que lhe superaram a experiência imediata e diária, tem a teologia procurado um discurso antes existencial que figurativo.

K. Rahner entende a esperança referindo-se sobretudo à experiência de acolher em liberdade a liberdade do Transcedente, absolutamente imanipulável. Esperar é, no fundo, confessar o mistério absoluto do Transcedente, no sentido de que não se tem nenhum domínio sobre ele, de que ele não pode ser manipulado e manobrado pelos nossos atos. Deus é aquele que sempre se nos dá em liberdade na história e na vida eterna. Nunca será posse. Nunca será alcançado, abarcado, nem na vida eterna. (K. Rahner). R. Bultmann encetara com ardor a tarefa de desmitologizar o querigma da esperança, ao traduzi-lo para categorias existenciais, quando ele se exprimia em categoria da fantasia pré-científica dos antigos. Por isso, a esperança tende a refugar a fantasia, enquanto a utopia a pede.

4. Destinos diversos

A utopia tende a desaparecer, ao realizar-se. Tem em si o gérmen de sua morte. Vive para dar a vida a uma realidade e então morrer. Vida transitória, passageira, em função de algo a acontecer. Permanece em vida enquanto não se realiza, mas sempre aponta para esse momento de sua crucificação. A utopia da liberdade liberal foi enterrada pelo capitalismo liberal, dando nascimento à utopia da liberdade para as classes populares. A utopia da sociedade consumista está agonizando no meio de enorme devastação dos bens não renováveis, gestando a utopia da ecologia.

Ao cantar o hino da caridade, S. Paulo compara-a com a fé e a esperança. A caridade permanecerá para sempre (1 Co 13,8), enquanto a fé e a esperança desaparecerão. Pois na vida eterna veremos o que esperamos e "ver o que se espera já não é esperar, pois como se pode esperar ainda o que já se vê?" (Rm 8,24), Nesse sentido de esperar o invisível, a esperança desaparece ao atingir esse invisível.

Mas a esperança tem um sentido mais profundo. E nesse caso, ela nunca desaparecerá e nisso se distingue da utopia. A esperança permanecerá sempre mesmo na plenitude da vida eterna. De fato, a esperança não é simplesmente um modo de ser da fé e da caridade para quem

está na terra a caminho da vida definitiva. Ela traduz uma relação fundamental com Deus, tão originária e permanente, que persistirá sempre, quer na relação homem-Deus na terra, quer na glória.

Ela é um movimento do homem livre em direção a Deus, mas sustentado pela própria autocomunicação livre e gratuita de Deus. Seu ponto último de referência é um Deus que sempre se nos comunica na surpresa de sua liberdade. Ora, como esse dom livre e surpreendentemente gratuito nunca cessará, mesmo na vida eterna, a esperança permanecerá. Ela é a afirmação de que não se pode possuir a Deus, mas ele sempre se nos comunica livremente. Essa atitude de quem está na expectativa dessa surpreendente, sempre nova, nunca terminada entrega de Deus é a raiz última da esperança. Logo ela não cessa.

Deus prometeu ser sempre o nosso futuro absoluto. Sempre será tal futuro. Nunca se fará absolutamente presente, no sentido de poder ser esgotado e possuído por nós. Por isso, o homem está sempre a esperar. K. Rahner define a esperança como a saída radical de si mesmo para entregar-se àquele sobre o qual simplesmente não se pode dispor. Ora, nunca poderemos dispor de Deus, nem no céu. Logo, sempre estaremos nessa atitude de radical saída em direção a ele, isto é, numa atitude de esperança. Pois a vida no céu não pode ser entendida como posse, já que Deus é o mistério da absoluta liberdade e nunca poderá ser possuído. A modalidade da relação com Deus, não só na terra, mas também na glória é a que o termo esperança traduz: acolhida da liberdade de Deus fiel, movimento em direção a um Deus que nos funda pela sua autocomunicação e que permanece sempre o incompreensível, o inabarcável.

Em resumo, a utopia tende a desaparecer por ser uma projeção dos desejos humanos e a esperança permanecerá porque revela um modo definitivo de relacionar-se com Deus. Os desejos humanos modificam-se, superam-se, travestem-se. A maneira de relacionar-se com Deus permanecerá enquanto Deus for Deus.

III. ARTICULAÇÕES

Realidades, que têm proximidades, mas se distinguem em suas especificidades, permitem articulações. A articulação significa precisamente a proximidade dos distintos, e a distinção de proximidades. Para entendê-la constroem-se modelos. Uns permitem realmente uma inteligência, outros podem até dificultá-la.

1. Modelos da articulação entre utopia e esperança

Metodologicamente facilita antes de abordar um tema complexo

e difícil, eliminar os empecilhos e obstáculos de intelecção. Eles se configuram em modelos impróprios.

a. Modelos impróprios

Modelo de coexistência paralela

Uma falsa compreensão da relação entre esperança e utopia consiste na separação dos campos de atuação, numa relação de paralelismo. Nesse caso, a esperança confina-se ao reduto espiritual da intimidade religiosa. Restringe-se aos bens espirituais, sobrenaturais. Em uma palavra, a esperança orienta nossos olhos para o céu.

A utopia, por sua vez, ocupa-se da realidade terrestre, da vida humana nesse planeta. Seu campo de atuação é a política, a luta dos homens, a carne da história. Dirige nosso olhar para o horizonte do futuro humano a fim de criar realidade melhor.

A ética calvinista capitalista medrou em tal campo teórico. Enquanto o capitalista ganancioso colocava a sua utopia no rápido enriquecimento, desenvolvendo altamente as forças produtivas, o discurso religioso da esperança acenava-lhe com bênçãos de Deus, com promessas de vida eterna. Ao mesmo tempo se podia esperar um céu, e sujar-se as mãos na terra dos negócios. Ou na sua formulação cabocla de nosso catolicismo, aos pobres se prometia a esperança do céu, ao dispensar-se assim de alterar as condições de opressão na terra.

Segundo esse modelo de paralelismo, tanto a esperança como a utopia não se encontram entre si. Atuam sem tensões, porque delimitam claramente as fronteiras de sua presença. A utopia cuida da terra, a esperança do céu. Se de um lado tal modelo permite tranqüilidade e harmonia entre ambas, de outro, ele priva cada uma da contribuição crítica e construtiva da outra.

Corresponde tal interpretação a uma visão liberal da religião, como se toda realidade social tivesse uma absoluta autonomia e independência frente à religião. É a pretensão do movimento da ilustração de conferir às realidades terrestres uma absoluta autonomia, relegando a religião para a espera do particular, do privado, da intimidade individual. Tal posição vem sustentada pelo fenômeno de secularização até sua forma extrema de secularismo. Uma de suas faces consiste em cortar das realidades sociais, políticas (utopia) qualquer presença de elemento religioso, transcendente (esperança). Laiciza totalmente a política, arrancando-lhe as entranhas religiosas.

Em contraposição, as realidades religiosas (esperança) florescem com ampla liberdade e espaço no campo da vida particular, na esfera da intimidade e privacidade pessoal. É realidade que só diz respeito ao indivíduo no foro de sua consciência ou em ações restringidas ao ambi-

to religioso bem delimitado pelos muros do templo ou do convento ou das paredes do quarto.

Modelo clericalista

O mundo é pensado a partir da religião, do poder religioso. Esta assume a absoluta hegemonia. Todas as outras esferas ficam-lhe subordinadas. Assim a esperança comanda todas as utopias, que se põem a seu serviço, que lhe permanecem submissas. A esperança se torna o critério de aceitação ou rejeição de uma utopia.

Bonifácio VIII definiu com clareza tal modelo. Ao distinguir duas espadas, a espiritual e a material, coloca ambas sob o poder da Igreja. A espada material (na nossa reflexão é a utopia) deve ser usada em favor da Igreja, com a indicação e anuência dos clérigos. Sem ambages, afirma que o poder temporal deve submeter-se ao espiritual, já que o poder espiritual se avantajava em dignidade e nobreza em relação a qualquer poder temporal. A verdade testifica que o poder espiritual institui e julga o poder material. E termina Bonifácio VIII, de modo solene, a sua Bula *Unam Sanctam* dizendo: "por conseguinte, declaramos, afirmamos, definimos e pronunciamos que é absolutamente necessário a toda criatura para sua salvação submeter-se ao Romano Pontífice" (DS 873-875).

Sem esta escandalosa clareza, tal modelo continua a tentar os hierarcas na Igreja. O poder eclesiástico arvora-se em juiz ético das utopias políticas, eliminando simplesmente aqueles projetos utópicos que, em seu juízo, contrariam quer seu universo ético, quer seus interesses corporativos. Nesse sentido, pode-se entender a dificuldade até hoje existente entre a prática eclesiástica e o projeto político socialista, dificultando a relação com os países, em que tal utopia está em andamento.

Nesses casos, a utopia não goza de nenhuma autonomia, nem na sua criação, nem na sua condução. Ela é comandada pela esperança, pelo poder religioso.

Tal modelo se tornou ou se torna viável somente em momento histórico ou lugar geográfico em que o horizonte, o imaginário e o poder religiosos predominam, se impõem como dominantes. Nesse contexto a utopia não tem fôlego suficiente para decolar sozinha e ganhar autonomia de voo.

A história mostrou a falência prática de tal modelo, que encontrou na guerra das religiões a expressão de sua perversidade. Não há guerra tão violenta como a motivada pela religião. Não há utopia tão perigosa com a identificada com a esperança. Perde a sua dimensão de limite e assume a pretensão divina e teológica da esperança.

Teoricamente tal modelo não dá conta da autonomia das realidades terrestres e atribui à dimensão teológica uma amplitude material tal

que rebaixa o transcendente às condições humanas. Pode parecer uma posição "sobrenaturalista", mas no fundo é muito materialista e naturalista ao fazer a esperança ocupar todo o espaço das utopias humanas.

Certas expressões do movimento neoconservador, que atualmente cresce no interior da Igreja, fazem pensar em tal articulação. Já que a história nos mostrou os enormes riscos de tal modelo, cabe sério alerta para os que ainda sonham com tal cristandade renovada.

Modelo cesaropapista

Situa-se na posição antípoda da anterior. A utopia encampa para dentro de si a dimensão de esperança. Ela se alça às alturas da transcendência, produzindo um duplo efeito nefasto. Reduz, cativa, escraviza a Transcendência a seus interesses políticos de um lado e doutra atribui-se um valor divino totalitário, por cima de qualquer crítica ou suspeita.

Esse modelo, quando se realiza na prática, é a expressão do totalitarismo do poder civil, que se arroga o valor de instância religiosa e transcendente. É o poder absolutista. A utopia manipula para seus fins particulares uma dimensão universal, transcendente, manifestando assim a pretensão absolutista.

A Doutrina da Segurança Nacional formulou projeto político que responde, em termos modernos, a esse modelo forjado nos tempos constantinianos. O modelo chileno se alimentava dessa utopia em que o poder político procurava recheiar sua utopia de elementos religiosos. Arvorava-se em defensor da civilização cristã ocidental. A ditadura militar argentina também recorreu em sua hedionda façanha criminoso a legitimações religiosas a fim de aniquilar as forças de oposição. Os modelos políticos de ultradireita em nosso Continente, fortemente marcado pela tradição religiosa, recorreram aos fantasmas religiosos anticomunistas do povo para firmarem-se, para derrotarem qualquer projeto social popular.

Teoricamente tal modelo não dá conta da verdadeira natureza do Transcendente, que nunca pode ser manipulado, ocupado, dominado por uma realidade política. Rebaixa o transcendente a ponto de assimilá-lo a uma realidade política.

Modelo de supressão dialética

Este modelo assemelha-se ou mesmo identifica-se ao anterior no nível da realização. A utopia se define como a superação definitiva da esperança. A esperança só tem sentido até que surja no horizonte a utopia, que assume o elemento de positividade da esperança, negando seus limites. O aspecto positivo da esperança é sua qualidade de motor

da história, proposta de um futuro melhor a partir da crítica do presente. Tal dimensão positiva a utopia a assume. Nega, porém, o aspecto de alienação da esperança, seu limite, isto é, sua dimensão de transcendência. Tal aspecto é resquício de uma mentalidade mítica, pré-política. A utopia, já situada no mundo da prática política autônoma, nega essa negatividade religiosa da esperança. Com isso, a esperança desaparece para ceder seu lugar unicamente à utopia, num verdadeiro araquiri, entregando-lhe suas entranhas. A utopia é a esperança num grau superior da consciência humana, que retém todo o dinamismo-motor da esperança sem contudo conservar a sua dimensão mítica, pré-moderna, pré-científica de Transcendência.

No nível da realização, tal modelo produziu e continua produzindo os mesmos efeitos desastrosos do absolutismo cesaropapista. A utopia transforma-se em última instância programadora da realidade, não admitindo nenhuma outra que a critique. Tende a impor-se por todos os caminhos e meios. Nisso consiste sua pretensão de absoluto, não relutando usar nenhum instrumento na sua consecução. E uma vez conseguido o objetivo, com a mesma pretensão de absoluto quer mantê-lo.

No nível teórico, tal modelo não dá conta da Transcendência. Seu pressuposto teórico é o imanentismo puro e total. Faz passagem ilícita de um "ateísmo metodológico" válido, para um ateísmo real, ontológico e prático, com conseqüências desastrosas para a vida humana e para a história.

O caso cubano é expressivo. A utopia socialista cubana, ao defrontar-se com forças religiosas ligadas a modelos sociais tradicionais ou capitalista, entendeu-se como sua total superação. Nesse sentido, já não havia espaço para o elemento religioso no projeto utópico socialista. No máximo era tolerado dentro dos muros dos templos, dos conventos ou da família. Não tinha nenhuma cidadania pública.

Já faz uma década, que se percebe em meios cubanos mais esclarecidos o limite de tal posição. Descobre-se que nenhuma utopia histórica consegue superar definitivamente a dimensão religiosa. Mais. Percebe-se que o elemento religioso é constitutivo histórico do imaginário de nosso povo e que sem ele não se consegue entendê-lo, nem falar-lhe. E abriu-se então franco diálogo religioso, do qual o livro Fidel e a Religião de Frei Betto é uma manifestação expressiva.

Unicamente as posições marxistas conservadoras e ortodoxas perseveraram em tal modelo. Um marxismo ventilado e crítico, impressionado sobretudo pelo fenômeno revolucionário sandinista na Nicarágua, ininteligível sem a presença da religião, percebe já o limite e insuficiência de tal absolutismo político e abre-se a uma presença real e efetiva do religioso em suas utopias.

b. Modelo viável

Em geral

Para entender então a relação entre esperança e utopia, faz-se mister encontrar outro modelo, já que os anteriores não deram conta no nível teórico e mostraram-se desastrosos no nível da realização histórica.

O modelo viável implica uma relação dialética assimétrica entre esperança e utopia. Com o termo dialético, quer-se dizer que não se pensa uma prioridade temporal entre elas, mas que se relacionam mutuamente, podendo começar o movimento de inteligência, ora a partir de uma, ora de outra. Assim pode-se considerar seja a relação da utopia com a esperança, como da esperança com a utopia. Cada um desses jogos permite perceber um aspecto do problema. Tal relação é assimétrica, porque a natureza de cada uma delas se situa em níveis diferentes em relação ao absoluto, ao definitivo.

Para entender tal modelo dialético, antes de descer a descrever de modo concreto a relação das duas, pode-se recorrer a quatro figuras de relações mais conhecidas que podem servir de chave de inteligência.

Figura de Calcedônia

O concílio de Calcedônia para entender a unidade de pessoa e a distinção de naturezas em Jesus Cristo usa quatro advérbios: *inconfuse*, *immutabiliter*, *indivise*, *inseparabiliter*. Todos eles formulados de modo negativo.

No marco desse esquema, a esperança se articula com a utopia de tal modo que não se confundem (*inconfuse*), nem perdem sua originalidade imutável (*immutabiliter*). A esperança continua esperança na sua dimensão de referência à Transcendência e a utopia a um projeto humano. Não confundem essas referências últimas, nem elas se modificam na sua estrutura por causa de sua articulação.

Sob outro ângulo, a esperança e a utopia se relacionam de tal modo que não podem separar-se uma para um lado e outra para o outro (*inseparabiliter*), nem mesmo dividirem-se em dois campos diferentes (*indivise*). No mesmo movimento da utopia se faz presente a esperança, como uma dimensão transcendental, necessária para sua última inteligibilidade, como condição de possibilidade de sua existência. Por sua vez, a esperança necessita da utopia para encarnar-se, fazer-se histórica, adquirir concretude.

Figura sacramental

O sacramento joga com duas realidades: uma visível e outra invisível numa unidade concreta. O sinal visível manifesta e realiza uma rea-

lidade invisível. E esta, por sua vez, faz-se histórica, adquire carne no e através do sinal invisível. Assim a ablução da água (sinal visível) manifesta e realiza a inserção em graça numa comunidade de fé (realidade invisível).

Com efeito, na utopia humana política (sinal visível) faz-se presente a esperança como autocomunicação do Deus fiel que arranca a pessoa de si mesma num movimento para ele (realidade invisível). Ou se quisermos, o movimento de saída de si para entregar-se ao Deus fiel e sustentado por Ele na esperança (realidade invisível) se faz história, se faz carne numa utopia humana, concreta (sinal visível).

Figura agápica

O amor humano verdadeiro só existe sustentado pelo amor de Deus. Amamos a nossos irmãos no amor e pela força do amor de Deus. No mesmo ato de amar o próximo há o ato humano de amor e a presença transcendente de Deus, que o possibilita, o sustenta, o anima, lhe dá consistência.

Do mesmo modo, no ato da utopia histórica concreta há o projeto humano e a presença da esperança teológica que o possibilita, o sustenta, o anima, lhe dá consistência.

Figura antropológica

O homem concreto é corpo, são as relações visíveis com os outros, mas é ao mesmo tempo alma, vida, liberdade, consciência, numa unidade. Enquanto visibilidade relacional é corpo, enquanto vida e liberdade criativa é alma. Assim como na mediação do corpo faz-se presente a vida, à liberdade, a alma, assim também a alma só pode exprimir-se através da corporeidade.

Da mesma maneira, na corporeidade da utopia faz-se presente a alma da esperança. Ou a alma da esperança só se visibiliza, se faz história, toma carne no corpo da utopia.

2. Relação da esperança com a utopia

Que pode a esperança dizer à utopia? Que serviço pode a esperança prestar à utopia? A relação vista do lado da esperança serve para perceber melhor a importância da esperança em relação à utopia.

Com efeito, a esperança pode desocultar as estruturas transcendentais, teológicas presentes nas utopias humanas. Elaboradas no solo da secularidade, as utopias não visam diretamente a nenhuma realidade transcendente, nem inserem em seu discurso, em seu horizonte alguma dimensão teológica. Entretanto, o utopista que a elabora vive na ordem

concreta da salvação. Ele não está totalmente alheio à orientação teológica que todos os homens recebem pelo fato de terem sido criados em Cristo.

Assim o utopista pode pôr entre parêntese na sua pesquisa e no seu discurso toda dimensão transcendente, teológica. Mas pela via de sua condição de ser humano chamado à Transcendência, a ser povo de Deus, à comunhão com a Trindade, insere algum elemento da esperança teológica na sua utopia. Nesse sentido, só lendo a utopia à luz da esperança cristã se consegue captar tal dimensão. Pode-se afirmar que toda utopia humana contém germens da esperança cristã, mas que somente à luz dessa esperança se consegue desocultá-los.

Ao lado dessa face positiva, a utopia tem seu lado satânico. Ela é produzida por um ser humano, que, chamado à dimensão de Transcendência, historicamente a tem negado por atos pessoais. Mais. Tem estruturado em realidades sociais injustas e opressoras este seu pecado pessoal de modo que as utopias, como produções históricas, vêm contaminadas por tais máculas. O maravilhoso sentido de liberdade nas mãos do capitalismo liberal se perverteu em pretexto para terríveis opressões. A utopia de uma sociedade em que pequenas propriedades garantam a todos a condição de uma vida humana e digna foi assaltada pela ganância de latifundiários, de grandes proprietários, de empresas agrárias transformando-se numa das mais terríveis chagas sociais de nossos países. Cabe então à esperança cristã desvendar essa dimensão de pecado das utopias humanas. Nesse sentido, a esperança salva a utopia de seu pecado de totalitarismo, de absolutismo, ao desocultar essa dimensão de pecado, de orgulho do utopista.

Só a esperança cristã, enquanto proclama como última raiz da realização humana, de todas as utopias, o movimento de saída para o mistério de um Deus que se autocomunica aos homens e lhes sustenta esse movimento em direção a Ele, pode denunciar a pretensão orgulhosa da utopia humana de querer apossar-se por suas forças do Absoluto. A esperança confessa a gratuidade, a liberdade dessa entrega de Deus, fonte última de todo dinamismo em direção às utopias e denuncia, portanto, toda forma de violência, de autoritarismo, de absolutismo do homem, como pecado, como negação do soberano mistério de Deus.

As utopias mobilizam as pessoas enquanto força motivadora. Encontram, por sua vez, essa motivação na sua qualidade de humanidade. À medida que elas propõem realizar dimensões profundas do ser humano, quer na sua individualidade, quer na sua sociabilidade, despertam o interesse e desencadeiam energias em vista de sua realização. Enquanto utopias terrestres, detêm-se no limiar do estritamente histórico e

humano. Não avançam além, nem oferecem possibilidade de olhar para além desse horizonte intramundano. Nesse momento, a esperança cristã abre o horizonte para a Transcendência, para além-da-história, para o Futuro Absoluto, mostrando o caráter de anúncio, de ensaio, de prefiguração das utopias. Dito de outra maneira, a esperança cristã deixa-se mediar pela utopia, reconhece nela uma mediação histórica, que a antecipa, que a anuncia, que a prefigura.

Devido ao caráter ambíguo das utopias humanas, cabe a esperança cristã também o papel de discernimento, desvendando, ora as dimensões salvíficas, libertadoras, crísticas da utopia, ora as suas dimensões demoníacas de opressão, de condenação. Em outros termos, a esperança julga as utopias, desmascara-as na sua pretensão de serem absolutas, no seu processo de degradação em direção à ideologia.

As utopias são construídas no interior da história. Assumem o material cultural existente no momento. Ora a esperança teologal na sua tematização quer na tradição bíblica veterotestamentária, quer na versão cristã, tem oferecido elementos a muitos utopistas para a criação de suas utopias. Estes não apelam para seu caráter de revelação, mas simplesmente a assumem como dado cultural. Mas nem por isso as utopias deixam de impregnar-se de elementos da tradição revelada, oferecendo esta, portanto, material rico para elas.

Numa palavra, a esperança é a dimensão transcendental que se mediatiza, se faz categoria nas utopias. E como tal, permanece sempre no seu caráter de transcendental, operando um processo contínuo de historicização nas diferentes expressões utópicas.

3. Relação da utopia com a esperança

Esta relação pode ser vista do lado da utopia. Nesse caso, a utopia oferece à esperança mediações, possibilidade de realizações concretas. Mais. Revela mesmo os limites da esperança quando essa se restringe unicamente à esfera intimista, individual. A utopia lhe dá dimensão social, abre-lhe o campo da política para sua encarnação. Antecipa a esperança na realidade histórica. E de dentro desta, aponta para a esperança como uma meta assintótica. Isaías recolhe do seu ambiente cultural aspirações humanas, históricas e projeta-as para um horizonte mais amplo, para além da história de seu povo. A jovem mulher que dará à luz ao Emanuel é a rainha esposa de Acáz, mas no horizonte da esperança é Maria, a mãe de Jesus (Is 7,14).

A plenitude da esperança da libertação, fortemente enraizada na revelação, inalcançável no interior da história, animará as inúmeras utopias da libertação até hoje. Essas dão-lhe carne, consistência, atualidade. A teologia da libertação, enquanto teologia, vive da esperança

escatológica da libertação, mas enquanto se articula com mediações históricas, assume utopias históricas para o momento atual. Quando não se percebe tal articulação, julga-se injustamente tal teologia como puramente imanentista. Na medida em que assume uma utopia como mediação, faz-se imanente. Mas na medida em que conserva o horizonte da esperança escatológica, conserva-se no horizonte da transcendência.

A utopia corrige, portanto, o perigo de alienação da esperança cristã, respondendo de maneira positiva à crítica ideológica marxista. A esperança, ao articular-se com a utopia política, entra na história, faz-se história, dinamiza projetos humanos concretos.

A utopia serve de lugar de verificação e de crítica da esperança. Mede-lhe a força de efetividade histórica. Obriga-a a refletir continuamente sobre si mesma a fim de avaliar-se como presença histórica.

A utopia desmascara uma esperança que sacraliza estruturas políticas conservadoras. Desvenda-lhe o caráter ideológico quando precisamente usa sua sacralidade religiosa para esconder interesses da ordem estabelecida, ao desviar as atenções para as realidades celestes, deixando as terrestres intocadas e entregues às forças dominantes.

CONCLUSÃO

O encontro da utopia e da esperança enriquece a ambas. Seu afastamento e estranhamento só as empobrece. Este encontro se dá antes de tudo no real da luta. Por isso pode ser pensado. E ao sê-lo, esclarece essa realidade que sofre de ambigüidade.

Na nossa Igreja tal articulação acontece sobretudo no nível das comunidades de base (CEBs). Essa reflexão pode ser-lhes enorme ajuda, ao esclarecer-lhes os percalços das falsas articulações e a riqueza do encontro bem articulado.

BIBLIOGRAFIA

- K. RAHNER, "Zur Theologie der Hoffnung", *Schriften zur Theologie*, VIII 561-579.
- J. ALFARO, *Revelación cristiana, fe y teología*, col. Verdade e imagen, Ed. Sígueme, Salamanca 1985, pp. 13-64.
- L. BOFF — Cl. BOFF, *Da libertação*. O sentido teológico das libertações sócio-históricas, col. CID — Teologia 19, ed. Vozes, Petrópolis, 3. ed. 1982, pp. 56/7.
- J. FREUND, "Les politiques du salut", in: *Le Point Théologique*, Paris 1974, n.º 10, pp. 9-22.
- R. ALVES, *Da Esperança*. Trad. bras., Campinas, Papirus Editora, 1987.

-
- J. SERVIER, *Histoire de l'Utopie*. Ed. Gallimard, Paris, 1967 (coll. Idées).
- L. F. LADARIA, *Antropología Teológica*, col. Analecta Gregoriana, ed. UPCM/ Universidad Gregoriana, Madri/Roma 1983.
- K. RAHNER, "Die anonymen Christen", in: *Schriften zur Theologie*, VI 545-554.

João Batista Libânio S.J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), Professor de Teologia da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte, MG.) e diretor da mesma Faculdade. Entre suas obras destacam-se: *As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais*, 1980; *Pastoral numa sociedade de conflitos*, 1982 (ambos pela Ed. Vozes, Petrópolis); *A volta à Grande Disciplina*, 1983; *Fé e política*, 1985 (ambos pelas Ed. Loyola, São Paulo); *Escatologia cristã*, escrito em conjunto com Maria Clara L. Bingemer (Ed. Vozes, Petrópolis, 1985); *Teologia da Libertação*: roteiro didático para um estudo, Ed. Loyola, São Paulo, 1987. Em preparação: *Utopia e esperança cristã*, a ser publicado pelas Ed. Loyola.

Endereço: Caixa Postal 5047 - 31611 Belo Horizonte - MG.